

BALANÇO

Social

2019
Bahia



Programas sociais

beneficiam mais de
64 mil pessoas

Histórias de vida

de pessoas das
nossas comunidades

Investimentos

reforçam educação,
empoderamento e bem-estar



BRACELL SOCIAL

Dona Cristina (à direita, de branco), moradora da comunidade quilombola do Cangula, sua sobrinha Êmile (esquerda), a neta Ana Mayara (centro) e a filha Ana Cátia (atrás)



Sumário

5	A Bracell
7	Resultados de esforços conjuntos
8	Política de Sustentabilidade
9	Gestão Social
10	Construção Conjunta
11	Bracell Social
12	Bracell Educação
13	Impacto social no território
14	Educação Continuada
15	História de vida — Mariana, a menina poeta de Inhambupe
18	Casa da Árvore e Trilha Ecológica
19	Música na Escola
20	Fest in Canto
21	História de vida — Cosme, o cantor apaixonado do Conde
24	Ecomunidade
25	Recuperação de Nascentes
26	Bracell Empoderamento
27	Impacto social no território
28	Farmácia Verde
29	História de vida — dona Cristina e seus saberes sobre plantas medicinais
32	Apicultura
33	Viveiro Comunitário de Mudas
34	Fábrica de Biscoitos
34	Fábrica de Fardamentos
35	Costura e artesanato com tecido
36	Arte e artesanato com cipó e piaçava
36	Arte e artesanato com serigrafia
37	Capacitação profissional
38	Resíduos de madeira
39	História de vida — Regi, o catador de ponteiros de eucalipto
42	Agricultura familiar
43	História de vida — Jurandir, o professor que ensina amor à terra
46	Bracell Estar Bem
47	Impacto social no território
48	Mais Cidadania
49	Cinema no Campo
50	Encontros com comunidades
52	Mãos Dadas
54	Troca de Saberes
55	História de vida — Maria José, a presidente da Associação de Produtores da Prata
58	História de vida — Wellington, o brigadista de incêndio que ajudou a salvar as praias
61	Área de atuação

O Balanço Social 2019 da Bracell Bahia é uma publicação da Gerência Sênior de Relações Corporativas, Comunicação e Sustentabilidade.

Textos e fotos: Gleison Rezende • Projeto gráfico e diagramação: Latitude Design
Documento revisado e publicado em outubro de 2020.

A Bracell

A Bracell é uma das empresas que fazem parte do Grupo Royal Golden Eagle (RGE) e uma das maiores produtoras mundiais de celulose solúvel e celulose especial, com duas operações principais no Brasil — em Camaçari, na Bahia, e em Lençóis Paulista, em São Paulo. As atividades e os modelos de gestão adotados pela companhia estão totalmente comprometidos com o uso sustentável dos recursos naturais, com o objetivo de criar valor para a Comunidade, o País, o Clima, o Cliente e a Empresa, de forma permanente.

Em 2021, quando a expansão na unidade de Lençóis Paulista, conhecida como Projeto Star, for concluída, a Bracell terá capacidade de produção anual de aproximadamente 2 milhões de toneladas de celulose e empregará aproximadamente 10.000 colaboradores próprios e terceirizados. Além de suas operações industriais no Brasil, a Bracell possui um escritório de administração em Singapura e escritórios de vendas na Ásia, Europa e nos Estados Unidos.

Para saber mais, acesse www.bracell.com



Sr. Manoel Moura da Silva,
parceiro social da Bracell na
comunidade de São José do
Avena, em Itanagra



Resultados de esforços conjuntos

Os colaboradores da Bracell conhecem bem a filosofia da RGE, grupo do qual fazemos parte, que diz que nosso negócio deve ser bom para a Comunidade, o País, o Clima, o Cliente e, só assim, será bom também para a Empresa. Firmemente consolidada entre nossa equipe, esta filosofia norteia nossas tomadas de decisões, inclusive sobre os investimentos sociais.

Este Balanço Social Bracell 2019 resgata evidências do compromisso da empresa com esta filosofia. Porém, uma de suas bases se destaca especialmente nesta publicação: a Comunidade. Isso porque este conteúdo reúne as principais informações sobre os investimentos sociais que realizamos no ano que passou e os resultados de cada um deles.

Neste contexto, mesmo quando alguns números possam não parecer tão expressivos, ainda assim os compartilhamos com satisfação e a convicção de que cada projeto tem o seu próprio tempo para apresentar resultados. E isso não tem de ser imediato para ser relevante. Só tem de ser consistente a fim de avançar na promoção de um futuro melhor para as pessoas que vivem nas comunidades próximas às atividades da Bracell.

Assim, mais do que números, compartilhamos aqui experiências e histórias de vida que materializam o alcance de programas focados em Educação, Empoderamento e Estar Bem — pilares que norteiam nossos projetos — que estão transformando a realidade de milhares de pessoas. Muitos são programas estruturantes, diretamente relacionados às demandas e vocações da nossa região de atuação, no litoral norte e no agreste da Bahia.

Para que atendessem bem às expectativas, a elaboração de cada projeto que compõe estes programas contou diretamente com a participação dos moradores beneficiados e dos agentes públicos locais. Em todos os casos, envolvemos as partes interessadas, discutimos, alinhamos, conciliamos interesses, equacionamos recursos e formamos parcerias para viabilizar sua execução.

Por isso este balanço é importante não apenas pelo registro que traz das ações iniciadas alguns anos atrás, mas, também, pelo que tais ações representam de novas e melhores perspectivas de futuro para os moradores dos municípios onde atuamos. E ainda: porque resgata o valor de esforços conjuntos no enfrentamento de necessidades genuínas de nossos vizinhos.



Sabrina de Branco
Gerente Sênior de Relações Corporativas,
Comunicação e Sustentabilidade da Bracell

Política de Sustentabilidade

Como um dos principais produtores de celulose solúvel (rayon-grades e specialty-grades) e celulose branqueada de eucalipto (kraft), provenientes da madeira de eucalipto, a Bracell está comprometida com o desenvolvimento sustentável em todas as operações.

Nossa Política de Sustentabilidade é guiada pela Estrutura de Sustentabilidade de Florestas, Fibras, Celulose e Papel do Grupo Royal Golden Eagle (RGE) e baseada na filosofia de que tudo o que fazemos deve ser bom para a Comunidade, bom para o País, bom para o Clima e bom para os Clientes. Só então será bom para a Empresa.

Da mesma forma, as unidades da Bracell na Bahia e em São Paulo focam na criação de valor compartilhado de longo prazo para seus públicos de interesse, como clientes, funcionários e comunidades locais, por meio de crescimento econômico, inovação, produção eficiente com excelente qualidade e atendimento às demandas dos clientes. Buscamos sempre ser produtores responsáveis, proteger o meio ambiente, respeitar os direitos humanos e desenvolver as comunidades onde operamos.



1 Cumprimento de leis e regulamentos



2 Práticas responsáveis de trabalho



3 Desenvolvimento de comunidades locais



4 Proteção e conservação do meio ambiente



5 Transparência e responsabilidade



6 Identificação e monitoramento de impactos



7 Melhoria contínua e foco no cliente

Gestão social

Atualmente, no entorno das áreas de manejo próprio da Bracell, na Bahia, há 335 comunidades mapeadas, sendo 135 vizinhas às nossas operações florestais e 72 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares.

Há, ainda, sete locais classificados como de especial interesse social, em decorrência de seu uso pelos moradores das comunidades vizinhas — como para práticas religiosas ou visitas a cemitérios desativados —, e duas áreas classificadas como AAVC (Área de Alto Valor de Conservação Social).

Todas essas áreas constam nos mapas táticos da empresa e são levadas em consideração em qualquer planejamento de atividade, de modo que as comunidades diretamente afetadas e vizi-

nhas às operações sejam respeitadas em suas histórias, tradições e culturas.

A Bracell realiza reuniões de microplanejamento que têm como objetivo principal avaliar os riscos da atividade florestal para atendimento aos requisitos operacionais, sociais e ambientais, bem como elaborar um plano de ação para mitigação ou eliminação desses riscos. Todas as informações relevantes são documentadas em relatório único com as diretrizes operacionais. Esse documento é distribuído para as equipes operacionais, juntamente com o mapa das áreas. Em 2019, foram realizados 183 microplanejamentos com 100% de participação e 100% das ações atendidas.

Encontro de gestores de educação



Construção conjunta

Uma premissa da Bracell no exercício de suas atividades é a de que seu trabalho seja realizado em harmonia com as comunidades vizinhas, respeitando seus hábitos, costumes e tradições e contribuindo para o desenvolvimento das pessoas. E isso demanda uma relação de confiança, construída no dia a dia como um esforço conjunto norteado pelo diálogo, pela troca de experiências e pelo equilíbrio de expectativas. Por acreditar nisso, ao elaborar, implantar e conduzir seus programas sociais, a Bracell conta com a participação ativa das comunidades, das prefeituras e de outros parceiros locais.

Dessa maneira, os moradores — principais beneficiários diretos dos investimentos sociais da empresa — ajudam a definir as prioridades de suas comunidades, contribuindo para que as iniciativas tenham um maior alcance e atendam às reais necessidades da população, gerando um movimento de mão dupla, com benefícios mútuos para a companhia e todas as suas partes interessadas.

Com este modo de atuar, a Bracell conhece melhor as comunidades, fortalece os vínculos com os moradores e pode lhes retribuir com uma visão externa de sua realidade, o que permite identificar vocações e oportunidades que resultam no desenvolvimento socioeconômico e na melhoria da qualidade de vida na região de atuação da empresa.



BRACELL SOCIAL

Os projetos sociais da Bracell estão baseados em três pilares de atuação, que são os nossos 3E: Educação, Empoderamento e Estar Bem.



Educação Continuada
Casa da Árvore e Trilha Ecológica
Música na Escola
Fest in Canto
Ecomunidade
Recuperação de Nascentes



Farmácia Verde
Apicultura
Viveiro Comunitário de Mudas
Fábrica de Biscoitos
Fábrica de Fardamentos
Costura e artesanato com tecido
Arte e artesanato com cipó e piaçava
Arte e artesanato com serigrafia
Capacitação profissional
Resíduos de madeira
Agricultura familiar



Mais Cidadania
Cinema no Campo
Encontros com comunidades
Mãos Dadas
Troca de Saberes



Ana Cláudia Brandão Simões,
professora da rede pública
de ensino de Entre Rios



Por entender a importância da educação para o desenvolvimento social e por atuar em uma região que ainda precisa melhorar os indicadores de ensino e aprendizagem, a Bracell desenvolve o pilar Educação, que engloba os projetos Educação Continuada, Elevação da Escolaridade, Parceiros da Escola, com incentivo à iniciação musical e ao esporte, e Educação Ambiental.

Este pilar tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento das práticas educacionais na rede pú-

blica de ensino da área de influência da empresa, orientando projetos de reforço às principais demandas apontadas em diagnósticos, assim como trabalhando temas transversais que incentivam a formação de cidadãos e a consciência ambiental.

Em 2019, foram beneficiados mais de 43 mil professores, alunos, secretários de Educação e coordenadores pedagógicos da região, superando os dados de 2018, quando o número de beneficiados foi de 35 mil pessoas.

IMPACTO social NO TERRITÓRIO



Plano de Ação Escolar:

Plano elaborado por cada gestor escolar, a partir do Plano de Ação Municipal.

Antes do projeto: realizado por **22%** das equipes técnicas dos municípios de atuação*.

Depois do projeto: realizado por **100%** das equipes.



Plano de Apoio Pedagógico:

Reúne ações de suporte aos alunos para a superação das dificuldades em seus processos de aprendizagem.

Antes do projeto: não realizado.

Depois do projeto: realizado por **100%** das equipes.



Projeto Institucional de Leitura

Plano de ação para incentivo à leitura nas escolas.

Antes do projeto: não realizado.

Depois do projeto: realizado por **100%** das equipes.



Projeto Institucional do Brincar

Plano de ação gerido pelas escolas, que garante o ato de brincar como parte das atividades pedagógicas.

Antes do projeto: não realizado.

Depois do projeto: realizado por **100%** das equipes.



Diagnóstico do Sistema de Escrita

Avaliações realizadas pelas redes de ensino municipais para obtenção do índice de alunos alfabetizados (estudantes que possuem um domínio básico da linguagem escrita).

Antes do projeto: realizado por **22%** das equipes técnicas.

Depois do projeto: realizado por **100%** das equipes.

*Dados amostrais obtidos a partir de questionários respondidos por equipes técnicas das secretarias de Educação dos municípios participantes do projeto.

Evolução do índice de alfabetizados

Alagoinhas

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2018	22%	53%	60,46%	93,31%	96,45%
2019	46%	74%	79%	97%	99%

Cardeal da Silva

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2015	1,56%	16,04%	59,9%	44,74%	87,72%
2019	70,2%	78,6%	74,5%	90,5%	100%

Conde

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2018	21,5%	40,9%	46,9%	86,7%	97,4%
2019	48,6%	68,3%	64,5%	91%	97,5%

Entre Rios

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2015	14,4%	22,7%	31,5%	75,4%	80,5%
2019	52%	73%	78%	97%	99%

Esplanada

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2018	38%	71%	74%	82%	73,8%
2019	39%	58,1%	67,0%	79%	96%

Inhambupe

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2015	19,4%	36,6%	36,3%	41,1%	64,9%
2019	56,2%	74,2%	76,4%	87,9%	97,0%

Itanagra

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
2015	5,6%	29%	23%	37,5%	48%
2019	76,4%	78,1%	74%	100%	100%

Evolução considerando início de acompanhamento do índice em cada município.

Evolução do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)

Município	Ideb observado							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019
Alagoinhas	3	3,5	3,5	3,6	-	3,9	4,2	4,7
Aramari	-	-	-	-	-	-	4,0	4,8
Cardeal da Silva	2,5	3	3,8	4	3,6	3,9	3,8	4,8
Conde	3,3	3,4	3,5	3,5	3,5	3,6	4	3,9
Entre Rios	2,5	3,2	3,3	3,6	3,5	3,8	3,9	4,1
Esplanada	2,8	2,7	3	3,6	4	3,7	3,7	3,5
Inhambupe	1,4	2,5	3,1	3,8	3,5	3,8	3,7	3,8
Itanagra	2,7	2,5	3,3	3,8	3,5	3,9	4	5,5

Educação Continuada

O projeto Educação Continuada é realizado há cinco anos e visa a fortalecer as práticas educacionais nos municípios da área de influência da empresa por meio da implantação e do fortalecimento da Política Municipal de Formação Continuada vinculada às práticas profissionais.

Tem como principais resultados a reorganização da estrutura administrativa das escolas, a elaboração de um plano anual de trabalho capaz de despertar o interesse dos alunos, o aumento expressivo do número de crianças alfabetizadas em idade adequada e o fortalecimento da gestão pública.

Esses resultados refletiram na melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) dos municípios atendidos pelo projeto.

34.676

alunos da rede pública beneficiados

7

municípios envolvidos

480

escolas atendidas

2.314

professores e equipe técnica beneficiados



Historia
DE VIDA

Mariana,
a menina poeta de Inhambupe



A professora Aparecida Guimarães, a aluna Mariana e a classe na Escola Municipal Lucival Costa, em Inhambupe

A mãe cuida da casa, lava, passa, cozinha, leva as crianças para a escola. O pai constrói casas e cisternas, é tratorista e amansa cavalos. O irmão brinca e estuda. A filha brinca, estuda e escreve poesias — lindas poesias. Ela parece ter vindo ao mundo com esta missão: Mariana Souza dos Santos nasceu em 2008, em 31 de outubro, Dia Nacional da Poesia, celebrado nessa data em homenagem ao poeta maior do Brasil: Carlos Drummond de Andrade, nascido 106 anos antes de Mariana.

Foi dela a vaga de Inhambupe, em 2019, para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental na Olimpíada de Língua Portuguesa realizada pela Fundação Itaú Social, dentro do Programa Escrevendo o Futuro, em parceria com o Ministério da Cultura. A Olimpíada é um concurso de produção de textos para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas de todo o país. Em 2019, o gênero textual para estudantes do 5º ano foi exatamente poesia, uma paixão da pré-adolescente Mariana, e o tema: “O lugar onde vivo”. Era tudo o que ela precisava para se jogar no concurso e se destacar com seus versos em “O jardim da vida”.

Mariana ama o lugar onde mora, a comunidade rural de Moita Redonda. “Aqui não tem trânsito, não tem praia, mas tem muitas pessoas, tem flores, é calmo, silencioso, aconchegante e eu fico lá no cantinho escrevendo.” Foi desse ambiente que veio a inspiração para seus versos. Aliás, do ambiente e da imaginação da menina. “Tudo o que eu faço vem da minha imaginação”, conta. E incentivos para imaginar não faltam: vão desde a mãe, que lia histórias para ela desde pequena, aos livros de Monteiro Lobato, seu primeiro ídolo na literatura, e, mais recentemente, à professora Aparecida Guimarães, que adora participar de concursos e estimula seus alunos a fazerem o mesmo.

Mariana ingressou na Escola Municipal Lucival Costa em 2018. Antes, frequentava uma outra escola na zona rural, numa classe

multisseriada — organização de ensino que agrupa, na mesma sala de aula do Ensino Fundamental, alunos com diferentes idades e níveis de conhecimento. Em ambas, contou com professores contemplados com o projeto Educação Continuada, uma das iniciativas do pilar Bracell Educação, realizado desde 2014, com suporte técnico do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (Icep), com a rede pública de educação nos municípios de Alagoinhas, Araçás, Aramarí, Cardeal da Silva, Conde, Entre Rios, Esplanada, Inhambupe e Itanagra.

Orgulhosa de Mariana — e de todos os alunos — a “Pró Cida”, como é chamada pela turma, revela que seus alunos têm apresentado uma notável melhoria na qualidade do texto, desde que os professores começaram a aplicar as técnicas compartilhadas nas formações. “Aprendemos mais sobre como trabalhar em sala de aula, como fazer as correções, a produzir textos e isso eu venho trazendo desde o início do ano letivo”, diz a professora. E o resultado não poderia ser mais gratificante: “Houve uma mudança de mentalidade; quem era mais endurecido se tornou mais sensível. Os alunos passaram a gostar mais de ler não só poesia, mas também outros tipos de textos, na escola e em casa. No meu aniversário e no Dia do Professor, recebi várias poesias feitas pelos alunos”, comemora Pró Cida.

“A Pró Cida ajudou muito. Tudo o que a gente não entendia de poemas, ela tirava nossas dúvidas. Ela leu diversas poesias. Ela é uma pró excelente”, homenageia Mariana, lembrando de sua participação na Olimpíada de Língua Portuguesa: “Foi muito grande, foi enorme a emoção de ser escolhida. Os poemas dos meus colegas estavam muito bons e, quando eu vi os poemas deles, eu sabia que eles iam ganhar e eu não. Mas eu não ligava. Aí, quando chegou o dia, a professora anunciou e eu fiquei muito feliz. Só falei chorar de alegria”.

Muito bem articulada ao falar, a menina tem bom vocabulário,

conjugando corretamente os verbos, faz as concordâncias de número corretas, frutos que ela colhe no dia a dia, incentivados pela qualidade do ensino na escola que frequenta e por sua dedicação à leitura, o que poderá lhe render ainda a realização de seu sonho: ser veterinária. “O tanto que eu gosto dos bichos, né?”, justifica. Verdade. Em casa ela tem “umas 20 galinhas”, cinco cachorros — Bob, Princesa, Cotó, Pipoca e um que ainda não tem nome — e uma égua chamada Marie. “Eu gosto muito de montar. Para a pessoa montar, precisa ter uma certa ligação com o cavalo, porque se a pessoa bater no cavalo ele não vai deixar e vai empinar”, ensina.

Porém, mais do que amor e respeito aos animais, à escola, à

poesia, à família e à natureza, Mariana ensina resiliência. Se ela ficou triste por não ter sido selecionada na etapa estadual para ir à final nacional da Olimpíada? “Do mesmo jeito, eu fiquei feliz. O que importa não é ganhar; importante é a aprendizagem. Aí! Quase que essa palavra não sai... (risos).”

E para quem ainda não descobriu a importância de ler e escrever, a jovem poeta de Inhambupe tem um recado especial: “Eu diria que ler é a melhor coisa que existe. A pessoa vai para outro mundo, imagina muitas coisas”.

“Com esta parceria com a Bracell, passamos a ter outra dimensão no acompanhamento de diagnósticos, no desenvolvimento das atividades pedagógicas e em todo o processo educacional para atingir uma educação de qualidade. A maioria dos municípios do Nordeste não tem recurso financeiro para contratar uma consultoria de qualidade. Então, a partir deste projeto, nós passamos a trabalhar com dados, a medir estes índices por série e, a partir deles, nós sabemos onde é preciso melhorar, avançar, corrigir e intensificar a metodologia para elevar, cada vez mais, tais índices. Em relação aos anos anteriores, nós temos avanços de 15% a 25% na qualidade da escrita e na matemática.”

Jardiel Alarcon Lima de Souza
Secretário de Educação de Inhambupe

“Antes do projeto Educação Continuada, não eram todas as escolas que tinham a figura do coordenador pedagógico. E uma das propostas do projeto é a de que as escolas tenham o suporte desse profissional. Portanto, é uma estrutura que mexe com toda a escola, tanto no nível organizacional quanto no pedagógico. E os resultados refletem no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) do município: saímos, anos atrás, de uma escala de 1,2 para 3.7. Ainda é uma média baixa, não ideal, mas houve um avanço que ficou fortemente ligado ao trabalho de formação no município. Agora, temos de fortalecer nossas ações para aumentar estes índices no decorrer dos anos.”

Jociara Franco
Supervisora do Ensino Fundamental I em Inhambupe



Casa da Árvore e Trilha Ecológica

O projeto estimula a consciência ambiental por meio de iniciativas como palestras, oficinas de artesanato e de reciclagem, trilha ecológica, recuperação de nascentes e orientação para o correto descarte de resíduos. O Neco (Núcleo Ecosocial) é um espaço aberto à visitação por estudantes de toda a região e também aos colaboradores próprios da Bracell, terceirizados e suas famílias.

No local, são disseminados conceitos de ecologia, ajudando na formação de atores ambientais capazes de contribuir para a preservação ambiental nos locais onde vivem.

No Neco são realizadas palestras, trilha ecológica, oficinas de reciclagem e atividades especiais em datas comemorativas.



12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS



3.851

visitantes em 2019, sendo:



13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA



15 VIDA TERRESTRE

3.219

alunos

279

professores

353

outros

Música na Escola

O projeto Música na Escola estimula a iniciação musical de crianças e adolescentes da rede pública municipal, contribuindo para a formação cultural, a socialização e a promoção da cidadania desses estudantes. Por meio dele, a Bracell viabiliza a realização de aulas de música em horários alternados aos da escola regular.

O projeto proporciona aos participantes experiências com canto coral, estudos de flauta doce e musicalização infantil.

Para participar, os alunos precisam ter bom desempenho escolar e os pais devem estar mais envolvidos com a vida escolar dos seus filhos.



4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

733

alunos beneficiados



10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

1.844

horas-aula realizadas

7

municípios envolvidos



Fest in Canto

A iniciativa alcança seu ponto alto com a realização do Fest in Canto – Festival Intercolegial de Novos Talentos da Música, voltado exclusivamente aos alunos da rede pública escolar de sete municípios baianos.

O Fest in Canto tem o objetivo de revelar talentos, contribuir para o desenvolvimento cultural e regional dos municípios, utilizando a música como ferramenta de socialização entre alunos, pais e suas comunidades.

Além de premiações em dinheiro para os primeiros e segundos colocados de cada categoria – Infantil e Juvenil – os primeiros colocados nas categorias têm a oportunidade de gravar seu próprio CD, que já sai com tiragem de 1.000 cópias para divulgação.



633
alunos inscritos



176
escolas participantes

7
municípios beneficiados

2.850
pessoas presentes às seletivas

Clara Lopes,
finalista do Fest in Canto – Festival Intercolegial de Novos Talentos da Música 2019



Historia DE VIDA

Cosme,
o cantor apaixonado do Conde

Não sabe da missa o terço quem hoje vê nos palcos o caubói cantor Cosme, pleno, cantando apaixonadamente o amor para sua musa misteriosa. Vencedor na categoria Juvenil do III Fest in Canto – Festival Intercolegial de Novos Talentos da Música, realizado em 2018, ano em que ele completou 20 anos de idade, Cosme é o retrato da superação. Com apenas 3% de visão em um olho — em decorrência de um leucoma e do pterígio — e zero no outro, o rapaz jamais encontrou caminhos fáceis na busca de cantar para a multidão. Hoje, a força de sua voz e de sua personalidade espelham o passado do menino forjado pela dureza da vida, mas que não perdeu as esperanças. Ele ri fácil, é confiante. Está feliz.

Na memória prodigiosa — onde guarda letras de mais de 5 mil músicas — ele traz sua única lembrança do pai, José Domingos: a voz dele, num momento em que estavam sentados, com Damiana, irmã gêmea de Cosme, num banquinho de madeira, em “noite escura”, na cidade de Indiaroba, Sergipe, onde nasceu. Mais lembranças o rapaz não guarda porque ainda era muito pequeno, menos de 2 anos de idade, quando o pai saiu para pescar e nunca mais voltou. “Dizem que ele teve um ataque de epilepsia, mas eu e minha família sabemos que não foi isso. Isso é conversa para não dizer que mataram ele”, recorda-se.

A partida precoce de Domingos deixou Cosme, as irmãs Damiana, Jilenilda e Maria Lucivânia e a sua mãe, Maria Jivalda, em situação difícil. Cerca de três anos depois, a mãe se casou novamente com Jurandir, com quem teve mais uma filha: Mariana. A chegada do padrasto à família foi bem-vinda por Cosme, que encontrou nele a promessa de apoio para um sonho nascente: o de tocar violão. Após Cosme ganhar um violão de um vizinho que se encantou ao vê-lo interpretar canções de Amado Batista, o marido de sua mãe prometeu colocá-lo em aulas de violão. A promessa povoou os sonhos do menino nos quatro anos seguintes, mas não se realizou: Jurandir sofreu dois derrames e, mais uma vez, dona Jivalda ficou viúva. “Não é uma história tão linda, mas me marcou até hoje”, comenta Cosme. Daí ele acabou aprendendo o básico do violão por si mesmo.

Já morando em Cágados, na zona rural do Conde, onde ainda vive, Cosme manteve consigo o instrumento até que conheceu dois garotos com um sonho igual ao dele: cantar. Decidiram trocar alguns objetos por um teclado usado. Os meninos deram duas bicicletas, um celular e uma caixa de som. Cosme deu seu violão e R\$ 800 do benefício social que recebia por sua deficiência. “Falei: lá em casa vai ficar sem dinheiro um mês, mas a gente paga isso aí. E assim eu fiz. Depois, com jeitinho, fui contando pras minhas irmãs: ‘Ó, eu fiz uma coisa errada, mas é o meu sonho desde ó’ (e estala os dedos). Eu tinha o sonho, mas achava que eu não prestava para cantar. Então, eu escondi este sonho de mim mesmo. Aí, quando expliquei que era para cantar, elas me apoiaram.” Agora, os garotos tinham um teclado, um violão, mas não a bateria. O pai de um deles até que vendeu um garrote para comprar o instrumento, mas jamais recebeu o dinheiro e o jeito foi Cosme juntar umas latas para bater. “A gente gravava no celular, mostrava pro pessoal e perguntava: ‘Repara aí se tá bom?’ E sabe o que diziam? ‘Está parecendo um cavalo correndo.’ Aí era quando eu dizia que a banda não ia dar certo e voltava para casa triste. Mas minha família dizia: ‘Não, rapaz! Continue que vai dar certo’. E contavam umas histórias lindas para mim. No outro dia, eu ia lá de novo e isso foi me impulsionando.” Alguns ensaios depois, surgiram convites para tocar nos quintais das casas de amigos, que insistiam na necessidade de melhorias.

Sem (inclusive saber tocar direito) os instrumentos, encontraram no karaokê a saída para seguir adiante. Mas não foram longe: divergências entre eles puseram fim ao projeto. Cosme deixou a banda, levando apenas a própria voz. E só quem lhe bateu à porta, nos meses seguintes, foram as ameaças de depressão. “Fiquei uns oito meses naquela situação, mas eu tenho uma família de ouro. Ninguém perguntou mais pela banda e foi aí que teve o Fest in Canto. Combinado com minha família e as professoras, fui ensaiar. Ganhei no Conde e fui para a etapa intermunicipal, em Alagoinhas. Eu não tinha condições. Então, todo mundo se juntou, compraram roupa e me levaram para Alagoinhas. Quando comecei a cantar, ficou todo mundo observando. Quando acabei, falei: ‘Quem gostou dá um gritão’; todas as torcidas, até de outras escolas, outras cidades, gritaram comigo. Foi lindo demais! Lindo! Lindo! Lindo! Lindo! Naquela hora, deu vontade de desmaiar. Foi uma alegria! E quando o locutor anunciou que eu era o ganhador? Eita! Aí é que foi coisa! Foi lindo, lindo, lindo mesmo! Foi difícil, mas, graças a Deus, deu tudo certo.”

Ao retornar ao Conde, Cosme foi convidado para uma entrevista numa rádio local e surpreendeu Maria Gildete Silva Santos, coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação do município, com o convite para ser sua empresária. “Fiquei surpresa, mas não pestanejei. Aceitei o desafio, mesmo não tendo tantos recursos, mas eu tenho, no mínimo, a força de vontade, o desprendimento, a proatividade. Então, corro atrás e a gente está conseguindo fazer shows aqui na cidade e em outros lugares”, explica “Pró Gildete”, como Cosme a trata. “Ela aceitou e foram surgindo shows, começamos a nos tornar conhecidos. Em três meses, fizemos 12 shows. Isso foi crescendo, crescendo, crescendo”, conta ele, entusiasmado. Além da família, foi Gildete quem “colou” no jovem: montou uma banda para acompanhá-lo, cedeu a própria casa para os ensaios e o acompanha de perto. “É divertido demais quando a banda ensaia. A gente até se esquece de comer. É muito bom todo mundo trabalhando junto”, conta Cosme.

“O Fest in Canto foi um divisor de águas na vida de Cosme; foi algo que fez a diferença na vida dele. Hoje, ele é outra pessoa. Ele se sente feliz, amado, acolhido, valorizado, se sente parte importante desta sociedade, da comunidade como um todo; ele se sente uma pessoa que pode fazer a diferença também, que pode chegar e contribuir. Está sendo maravilhoso. Projetos como esses precisam ter continuidade para fazer isso na vida de outros jovens para que eles alcem voos mais altos. Eu sei e sinto que Cosme vai muito além de onde ele já está. As pessoas estão vendo o potencial dele e dando o devido valor. A comunidade abraçou Cosme.”

Maria Gildete Silva Santos
 Coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação do Conde

Gildete também comprou roupas, sapatos, cintos e um chapéu, do qual Cosme abriu mão para exibir nos shows os cabelos agora com luzes e prancha. Mas ela faz mais, muito mais: além de shows, Gildete mobiliza pessoas para angariar recursos para o tratamento da visão do rapaz, em São Paulo. As chances de recuperação são mínimas, mas isso não a esmorece. O médico que acompanha Cosme acredita que a nova fase da vida o fez enxergar melhor, mesmo com apenas 3% de visão. Para o especialista, o fato de ele estar vivendo novas experiências e crescendo intelectualmente graças à música tem feito com que Cosme perceba melhor outras nuances, o que amplia o alcance de sua visão.

Como parte da premiação, Cosme teve direito a gravar seu primeiro CD, com tiragem de mil cópias para divulgação. “Eu compus as sete músicas do CD. É um sonho que estou podendo realizar.” Se depender de determinação, ele ainda vai realizar muitos outros. No Fest in Canto, o jovem encontrou confiança para isso. “Nunca teve alguém para confiar em mim. Só me chamavam para farrinhas de fundo de quintal. Depois do festival, Pró Gildete e o pessoal do Conde abraçaram minha causa, juntamente com o pessoal da Bracell. Eu só tenho a agradecer. A minha história de vida é esta. O Fest in Canto mudou minha vida.”





1.010

participantes das ações de educação ambiental

16

comunidades beneficiadas

4

municípios envolvidos

Recuperação de Nascentes

A atividade é direcionada à formação de agentes multiplicadores de educação ambiental por meio de mutirões de recuperação de matas ciliares e nascentes, com o apoio dos moradores locais. São realizadas parcerias com o poder público, instituições de ensino e comunidades para mapeamento das áreas a serem recuperadas e realização dos plantios.

O projeto atua na recuperação de nascentes das bacias dos rios Subaúma, Catu e Sauípe.

15

nascentes mapeadas

1.245

mudas distribuídas e plantadas



Ecomunidade

O projeto propicia ao público a compreensão do ambiente e do contexto socioambiental em que vive, incentivando atitudes conscientes pela conservação da natureza e pela adequada utilização dos recursos naturais. Este projeto estimula a reflexão acerca dos impactos causados pelos resíduos que não recebem a destinação correta.

As atividades incluem encontros mensais para capacitação, formação de ecoagentes, gincanas ecológicas, oficinas de reciclagem, oficinas de sabão e instalação de parques construídos com madeira de eucalipto.



IMPACTO social NO TERRITÓRIO

Mais de **7 mil** pessoas beneficiadas direta e indiretamente pelo Bracell Empoderamento, com manutenção de índices de renda próximos aos do ano anterior.

Destaque para o projeto de resíduos com mais de **R\$ 2 milhões** de renda com a venda dos resíduos de madeira, em 2019.

De **186** projetos florestais, **60** receberam o projeto de resíduos de madeira.

2.051 famílias beneficiadas diretamente.

3 parcerias efetivadas.

4 articulações em negociações.

24 lideranças no Curso de Capacitação de Lideranças, com **40** horas de formação.

12 missões de mercado realizadas.

Apoio a **51** associações com acompanhamento fiscal e tributário.

Cerca de **R\$ 3 milhões** de renda gerada em 2019.

9 projetos desenvolvidos consolidados.



A Bracell incentiva seus vizinhos a identificarem, em suas próprias comunidades, vocações e potencialidades capazes de gerar emprego e renda para a coletividade. Para isso, desenvolve o pilar Empoderamento, cujo objetivo é estruturar grupos produtivos e torná-los autônomos, donos do seu próprio negócio.

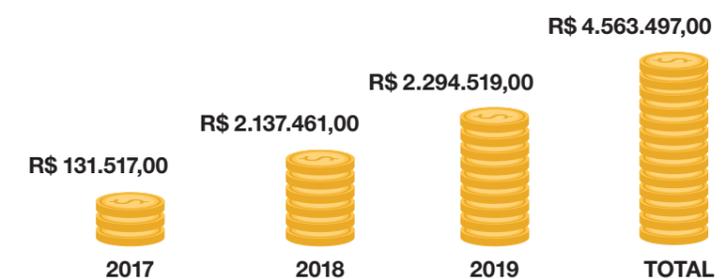
O foco do programa é a agricultura familiar e o empreendedorismo da economia popular, desenvolvendo e fortalecendo as atividades produtivas, promovendo a capacitação empresarial e estimulando o associativismo.

O programa também possibilita a ampliação dos mecanismos de participação social na gestão das políticas públicas de interesse para o desenvolvimento do território.

Parcerias consolidadas: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) – Superintendência de Agricultura Familiar (Suaf), Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar (Setaf), Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre), Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Fapex/BA), Secretaria de Promoção da Igualdade (Sepromi), prefeituras municipais, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Sindicato dos Produtores Rurais, Instituto Federal Baiano (IFBaiano) e Secretaria de Saúde de Alagoínhas.

Geração

de renda com a venda de resíduos de madeira



Farmácia Verde

A Farmácia Verde promove, desde 2017, o desenvolvimento da fitoterapia em parceria com moradores das comunidades quilombolas do Cangula, em Alagoinhas, do Gamba, em Entre Rios, e do Assentamento Ana Rosa, em Pojuca, na Bahia.

O projeto conta com uma metodologia participativa, teórica e prática que envolve a capacitação dos participantes para estudo e aplicação da fitoterapia voltada a medicamentos naturais, contemplando conhecimentos sobre a interação das plantas com o corpo humano, além de orientações para a comercialização.

Em 2018, a iniciativa foi reconhecida com a primeira posição do 12º Prêmio Indústria Baiana Sustentável, na modalidade Projetos Socioambientais. Promovido pela Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb), o prêmio contou, em 2019, com a participação de 29 empresas, que concorreram com 45 projetos em quatro modalidades: Micro e Pequenas Empresas, Projetos Socioambientais, Práticas de Gestão Socioambiental e Tecnologias Limpas.

Marcos do projeto

- Edital (CAR/Bahia Produtiva) para comunidade quilombola do Cangula, em Alagoinhas, voltado à implantação do viveiro de mudas de plantas medicinais, hortas e infraestrutura do projeto Farmácia Verde.
- Em maio de 2019, foi realizado o seminário “Plantas medicinais: tradição, ciência e qualidade de vida”, que discutiu o uso dessa sabedoria e ciência no Sistema Único de Saúde (SUS).
- Implantação do Curso de Naturoterapia para agentes de saúde de comunidades rurais e participantes do projeto Farmácia Verde, beneficiando 34 pessoas, 17 comunidades e 3 municípios.
- Curso avançado de saboaria – técnicas de glicerina natural para produção de sabonetes 100% naturais, inclusive com produção de óleos essenciais.



Historia DE VIDA

Dona Cristina
e seus saberes sobre plantas medicinais



Seu nome composto e sobrenome — Maria Cristina da Paixão Carvalho — dizem muito sobre ela. Seja pela força do personagem bíblico — seu nome remete a Maria Cris-tã —, seja por Paixão, que define bem o modo como ela se envolve com tudo ao seu alcance, e Carvalho, uma árvore de madeira reconhecidamente resistente e longeva, d. Cristina é a expressão da mulher guerreira. Nascida em 1969 na comunidade quilombola do Cangula, na zona rural de Alagoinhas, ela conviveu com pessoas boas e ruins, obteve delas o respeito e o desrespeito, experimentou a fartura de amor e a privação na alimentação. Resultado: optou por tornar-se uma pessoa autêntica.

De voz grave e olhar profundo, d. Cristina chega cedo, por volta das 7h, para regar as ervas cultivadas nos canteiros da sede da Associação dos Moradores do Cangula que serão utilizadas para fazer sabonetes, xaropes, pomadas e aromatizadores de ambiente. O local é onde tudo acontece na comunidade: das reuniões de associados, palestras, encontros com autoridades, rodas de samba, eventos ao agendamento de consultas médicas. Foi num dos encontros na sede, entre os moradores e representantes da Bracell, que surgiu a ideia da Farmácia Verde. “Eu me joguei. Porque sou assim: quando chega um projeto bom para a comunidade, eu me envolvo por inteiro. E a Farmácia Verde foi 10”, declara. “Algumas pessoas desistiram, mas, para mim, se Deus permitiu que a Farmácia Verde chegasse até aqui, é porque vai dar certo.” E deu mesmo. Tanto que o projeto foi agraciado, em 2018, com o Prêmio Indústria Baiana Sustentável,

concedido pela Fieb (Federação das Indústrias do Estado da Bahia). A persistência é a cara de d. Cristina.

Nascida no Cangula, ela aprendeu cedo a utilizar plantas nativas como erva-doce, cidreira, aluman e boldo para tratar dor de cabeça, dor de barriga e “tudo” mais. “Como somos uma comunidade quilombola, fomos criados usando chás e plantas conforme nossos pais, avós e tios nos ensinaram.” Mas o projeto mexeu com os conhecimentos de d. Cristina e das quase 20 demais participantes, que aprenderam “a usar as plantas de forma diferente” e a identificar outras indicações. “Sempre que ia fazer chá, tinha de pôr bastante folha para ele ficar verde, se não, não estava bom. Com a Farmácia, vimos que não é preciso a água mudar de cor para o chá ficar bom. Aprendemos a associar as plantas, identificar para que servem, como devem ser usadas, com o que usar. Encaixou”, explica a mãe de três filhos.

“É a mesma coisa do medicamento na farmácia: a gente acha que tem de tomar um bocado para ficar bom. Se não, não faz efeito. E termina prejudicando. Com a planta também é assim: tem de ser tudo na medida certa. Mesma coisa é com o tempo no fogo: antes, a gente botava a planta no fogo e deixava lá até ferver, ferver, ferver. E não precisa. Muitas vezes, quando a água começa a ferver, coloca a planta, abafa um pouco, e é o suficiente. Deixar lá cozinhando pode até tirar as propriedades.”

D. Cristina fala com segurança por que se dedica, com afinco, a aprender com tudo o que a vida lhe oferece. Inclusive as dificuldades. Órfã de mãe desde os 5 anos de idade, ela foi criada pelo pai, hoje com 84 anos, “que fez o papel dos dois” e “deu toda a educação, cuidou da gente”, e pela madrinha, que morava em Alagoinhas. É que o pai, en-

tão viúvo pela segunda vez, era responsável pelo sustento dos oito filhos — quatro de cada casamento. Então, a madrinha dela a convidou para morar em Alagoinhas, para estudar. E, aos 13, começou também a trabalhar em casas de família. “Tinha de trabalhar. Ia viver de quê? Quem ia me dar?”, questiona.

A adolescente já havia passado “uns pedaços” para jogar a vida fora daquela maneira. “Quando era criança, toda semana, ia mais meu pai andando para Alagoinhas com um balaio na cabeça, para vender as coisas. A gente saía uma ou duas horas da manhã e chegava lá com o dia amanhecendo. Acabava de vender, às quatro da tarde, ainda no sol quente, e voltava andando para chegar em casa, ir pra lenha para cozinhar o que trazia de lá. Não tinha água, luz, nem estrada. Era um caminhozinho. Não tinha transporte. Eu nem sabia o que era pão, cuscuz, manteiga, macarrão, arroz, cenoura... Nada disso. Fomos criados com pirão de água e pirão de café. Não tinha opção. Era pirão de água de manhã, meio-dia e de noite, de manhã, meio-dia e de noite — to-do di-a! T-o-d-o d-i-a! Quando a gente comia carne, era cabeça de boi que comprava. Era malmente o pirão, o feijão, que quem comia mais eram os pais, a gente não comia porque era pouco. E o caldo que ficava davam para os filhos. Verdura era a que tinha no brejo — jiló, maxixe, quiabo — ou então pescava. Tempero era só alho. Tive uma vida muito difícil para estar aqui na vida que estou hoje. Eu aprendi a valorizar as coisas com o que eu passei e presenciei.”

Dias melhores vieram. D. Cristina conciliou escola e trabalho até os 18 anos, quando se casou. Em cinco anos, já havia dado à luz três filhos. “Aí, estacionei”, conta. Mas “arrancou” de novo, em 2018. Impulsionada pelos rumos do projeto Farmácia Verde, aos 49 anos, ela voltou aos bancos da escola. Para quem possa pensar num retorno, foi sofrido, ainda mais sendo a “maiorzinha” da turma no meio daquele “bocado de jovem e adolescente”... “Cheguei lá parecendo um peixe fora d’água, um gato ladrão, meio des-

confiada, mas encarei. Quando tem trabalho em equipe, oxel Para mim, estou na idade deles, porém com a cabeça diferente. Foi uma mudança boa e eu procurei me encaixar, porque eu tenho um objetivo”, afirma. Que objetivo? Ingressar no Curso de Naturoterapia, que é a segunda fase do projeto Farmácia Verde, para a qual se exige Ensino Médio completo dos participantes. Para isso, ela jamais falta à aula e se veste com esmero para o compromisso de todas as noites: “A blusa, minha bolsinha do lado e o sapato”.

“Foi por causa da Farmácia que voltei a estudar. Porque, quando a gente precisou de um técnico para nossos medicamentos, procuramos na comunidade, mas ninguém se interessou. Aí, eu disse: ‘vai fazer o quê? O jeito que tem é voltar a estudar para ser esta técnica que a Farmácia Verde está precisando.’ Foi rápido: peguei meu histórico e agora estou na sexta série da Escola Miguel Santos Fontes, em Boa União. Para o ano, enfrento a sétima e a oitava e, depois, o Ensino Médio. A minha vez ainda vai chegar, mas eu fico alegre porque já tem muitas pessoas da comunidade fazendo o curso. Tenho certeza de que, assim como chegou este curso, vai chegar muito mais coisa com a Farmácia Verde.”

Mas d. Cristina quer mais. “A professora de inglês falou que já viajou para os Estados Unidos e não sei mais onde, que tudo o que ela conseguiu foi através do inglês. Aí eu disse: ‘Então, eu vou ter de fazer, se eu também quero ir pra lá?’ Para o ano, vou fazer um curso de inglês. Se a Farmácia Verde for para outro lugar ou vierem pessoas de fora aqui e a gente não souber o que elas estão falando? A Farmácia Verde tem de ter alguém que fale inglês. Serei eu. Porque nosso objetivo, na Farmácia Verde, não é só ficar no Cangula, em Alagoinhas; é ir além disso, sair, expandir. Então, tem de estudar. E é tanta coisa bacana que eu tenho aprendido na minha vida!”





Viveiro Comunitário de Mudanças

Inaugurado em 2018, o Viveiro Comunitário de Mudanças, destinado à produção de espécies nativas da Mata Atlântica, frutíferas e ornamentais, foi implantado pela Bracell na comunidade do Imbé, em Entre Rios, com o objetivo de gerar renda para mulheres capacitadas. Local, infraestrutura, capacitações e acompanhamento foram disponibilizados pela empresa e a operação fica a cargo de parceiros na comunidade.

Mulheres da comunidade envolvidas com o projeto participaram de treinamentos para educação ambiental, produção de mudas, adubação, irrigação e outros temas relacionados à manutenção de um viveiro, que tem capacidade inicial para produção de 100 mil mudas por ano.



8
mulheres à frente do projeto

12 mil
mudas produzidas

R\$ 11.800
de renda gerada em 2019



Apicultura

Tradicional parceria entre a Bracell e os produtores apícolas do litoral norte e agreste baianos, o projeto Apicultura viabiliza a instalação de colmeias em áreas de plantio de eucalipto e, principalmente, de mata nativa nas propriedades da empresa. As floradas dessas áreas servem como fonte de pólen e néctar para a produção de mel.

O projeto conta com a parceria de sete associações de apicultores nos municípios da região. Em 2018, conforme demanda

dos apicultores, foi realizado o primeiro workshop de seleção e produção de abelhas rainha da região, com a participação de 30 representantes das associações de apicultores.

Já em 2019, teve início a implantação da primeira unidade de seleção e produção de abelhas rainha da região, com 30 multiplicadores representantes das sete associações/cooperativas. Houve ainda a distribuição de 83 princesas de abelhas para contribuir com a produção.

167 apicultores beneficiados,
em sete associações de quatro municípios

Mais de **4 mil** caixas
de abelhas em áreas nativas da empresa

Cerca de **96 mil** kg de mel produzidos

R\$ 482 mil em renda gerada



Fábrica de Biscoitos

Este projeto contribui para gerar renda por meio da produção de biscoitos de polvilho e probióticos com frutas locais, envolvendo as comunidades quilombolas do Mato Limpo e Mandacaru.



20

mulheres à frente do projeto



R\$ 2.420

de renda gerada



R\$ 500.000

em edital da CAR para custeio e investimento visando à implantação de 20 galinheiros e uma horta coletiva para plantas aromáticas, hortaliças e leguminosas.



Fábrica de Fardamentos

Inaugurada em 2014, a Fábrica de Fardamentos, em Inhambupe, viabilizou a qualificação de 40 mulheres do município para atuarem como costureiras industriais, produzindo fardamentos e costura em geral.

A Bracell disponibiliza o local, toda infraestrutura necessária e apoio técnico/administrativo para a cooperativa.



40

mulheres qualificadas em costura



11

participantes efetivamente na cooperativa

R\$ 73.000

de renda gerada em 2019

Costura e artesanato com tecido

Este projeto capacita pessoas das comunidades rurais em costura básica, avançada e artesanato em tecido, tais como patchwork, patch appliqué, reaproveitamento dos fardamentos descartados pela empresa.

O projeto tem duas vertentes: uma unidade itinerante com a qual os cursos são realizados nas próprias comunidades e uma unidade fixa na qual as mulheres aprendem técnicas avançadas de costura profissional.



140

mulheres beneficiadas



10

comunidades envolvidas



Capacitação profissional

Realizado em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), este projeto consiste em proporcionar aos participantes cursos sobre técnicas de produção de doces, geleias, derivados de mandioca, polpa de frutas, bem como de tratoristas, entre outras, contribuindo para a geração de renda nas comunidades.



435
 famílias beneficiadas



Arte e artesanato com cipó e piaçava

Este projeto estimula a produção de artesanato com fibras naturais como piaçava e cipó, envolvendo artesãos e coletores dessas matérias-primas no litoral norte baiano — Itanagra, Mata de São João, Entre Rios, Esplanada.

Este projeto estimula a produção de artesanato com fibras naturais como piaçava e cipó, envolvendo artesãos e coletores dessas matérias-primas no litoral norte baiano — Itanagra, Mata de São João, Entre Rios, Esplanada. Em 2019, foi realizado o cadastramento e a orientação de 147 artesãos que coletam matéria-prima nas áreas da empresa, disseminando o plano de manejo sustentável da piaçava e do cipó elaborado pela Bracell.

109 artesãos beneficiados
147 cadastros efetivos
10 comunidades envolvidas
3 municípios atendidos



Arte e artesanato com serigrafia

Este projeto consiste na qualificação sobre técnicas de serigrafia e comercialização desse tipo de trabalho, com foco em jovens de comunidades rurais. Atualmente, é realizado nas comunidades de São José d'Avena, em Itanagra, e Saquinho, em Inhambupe.

As comunidades receberam os equipamentos, materiais e capacitação técnica para implantação da serigrafia. O grupo de São José do Avena já produz comercialmente e atende também à demanda da Bracell por camisetas promocionais distribuídas como brindes institucionais.

26
 pessoas capacitadas



Resíduos de madeira

Em atendimento à demanda das comunidades vizinhas pelos resíduos de eucalipto deixados no campo após a colheita da madeira, a Bracell decidiu dar uma destinação social a esse material com o intuito de criar uma fonte adicional de renda para os catadores.

Para isso, elaborou o Procedimento para Catação de Resíduos Florestais que, entre outros requisitos, solicita que os beneficiados sejam devidamente cadastrados, participem de treinamentos e integrem alguma associação ou cooperativa.



12

municípios atendidos



2.721

peças beneficiadas indiretamente

R\$ 2,3 milhões

de renda gerada em 2019



História DE VIDA

Regi,
o catador de
ponteiros de eucalipto

Primeiro, com a madeira ainda em pé, vão os operadores de máquinas de colheita de eucalipto. Com as toras cortadas, outra equipe faz o baldeio da madeira para a margem da estrada, onde elas permanecerão até serem transportadas para a fábrica de celulose solúvel da Bracell, em Camaçari. A colheita da ma-

deira é feita deixando cascas, galhos e folhas das árvores no campo, ajudando na proteção e nutrição do solo. Mas não são apenas esses os “resíduos florestais” deixados no local: tem ainda as ponteiras, que são os topos das árvores que não têm volume suficiente para processamento na fábrica. É a existência deste material que leva ao campo mais uma leva de trabalhadores: a dos moradores da zona rural que, organizados em associações, coletam as ponteiras e as vendem para produção de carvão. São os catadores de resíduos florestais.

Desde que a Bracell obteve, junto aos órgãos competentes, há cerca de quatro anos, a permissão para liberar o acesso estruturado de interessados nas ponteiras, a vida de dezenas e dezenas de pessoas começou a mudar. A de Reginaldo Conceição dos Santos é uma delas. Sentado na varanda de casa, ampliada recentemente com o dinheiro que apurou com a venda das ponteiras, Regi conta que antes “vivía parado por aí”, mas que hoje ele “tem alguma coisa”. A estas coisas, incluía sonhos realizados, trabalho para a família e a posse de bens que ele jamais imaginara ter. Foi aos 52 anos, em 2019, por exemplo, que ele realizou o sonho do carro próprio. O estímulo para o investimento veio depois de fazer as contas: estava desembolsando R\$ 600 por semana para ter à disposição um “carro pequeno” a fim de levá-lo aos locais de coleta das ponteiras. “Dentro de um ano, faça a conta de quanto

é que dá de dinheiro? Aí, eu disse: oxente!” E comprou o veículo que hoje lhe dá mais liberdade, inclusive para passear. “Passou o horário de trabalho, vou na casa de uma filha minha”, diz. E tem a casa, que foi reformada e ampliada. “A casa mesmo só era dali pra lá”, aponta para uma parede ao fundo. Eu fiz a reforma da minha casa e agradeço à Bracell. Por esse carrinho que eu não tinha, eu agradeço à Bracell.”

Casado há 35 anos, Regi tem seis filhos e oito netos, todos eles morando pertinho, no entorno da Praça Pedro Dórea, no bairro Timbó, em Esplanada. A presença dos filhos, genros, noras e netos ali ao lado é um conforto para o coração do patriarca, pois contrasta com a própria experiência de infância dele. Nascido na comunidade de Pedras, em Entre Rios, Regi foi criado pelos avós desde que os pais se separaram e cada um foi cuidar de sua vida longe dali. “Minha avó que contava: meu pai morava com minha mãe, mas deram muito para discutir e minha mãe foi embora para Salvador. E ele foi para Santo Amaro. Eram dois irmãos para criar: eu, Reginaldo, e Genivaldo. Minha mãe levou um e deixou o outro. Minha avó ficou comigo, molinho nos braços, bem pequenininho.”

Morando distantes, tanto o pai quanto a mãe não tiveram mais muitos anos de vida pela frente. “Meu pai morreu jovem; mataram ele para roubar. Ele era encarregado de pagamento de uma usina. Um dia, ele vinha com o dinheiro, estava chovendo e ele parou debaixo de um pé de juá, veio o cara e matou ele.” Desde que o pai se foi, Regi o viu uma única vez, por volta dos 6 anos de idade. E a mãe? “Você acredita? Eu vi minha mãe, eu tinha 9 anos. Ela chegou, bateu na porta. Eu saí e disse: ‘Vó, tem uma mulher aí’. Daí eu dei as costas, não conhecia. Quando minha avó saiu, disse: ‘É sua mãe’. ‘Minha mãe!?!’ Aí ela veio me abraçando, chorando e conversando mais eu. Umas coisas que ela disse eu ainda me lembro, outras não. Ela disse que meu pai maltratava muito ela, por isso que ela foi embora e me deixou. Isso aí eu me lembro”, conta. A mãe foi trabalhar como empregada doméstica em Salvador. “Arrumou família lá de novo e ficou lá. Eu soube pela boca dos outros que ela faleceu. Nunca mais eu vi”, conta.

Sob os cuidados dos avós, Regi começou “a trabalhar cedo. Cedo, cedo, cedo mesmo. Não foi brincadeira, não. Frequentava a escola, mas era um ‘frequentamento’ bem pouco porque tinha de ajudar minha avó mais meu avô na roça. De primeiro não era como hoje, que você tem de botar o filho no colégio de qualquer jeito. A Justiça era mais devagar. Hoje não! Você, se não botar o filho no colégio, você vai sofrer”, acredita. O garotinho começou levando o café para o avô na roça e lá ajudava no que fosse preciso. Depois, pra complementar o orçamento da família, foi trabalhar num plantio de laranjas. “Quando eu cheguei lá, era tão pequeno que não aguentava fazer muito serviço. Então, o dono da fazenda me botava para tirar a água do buraco que eles faziam para plantar o pé de laranja. Eles me pagavam e aquele dinheirinho eu entregava para minha avó.”



No espaço de um ano, com Regi aos 14 anos, seus avós faleceram. Deixaram com o adolescente a lembrança do amor que lhe dedicaram e das “farras com sanfona” promovidas pela avó. “Ela tinha uma vendinha de cachaça e fazia aquela farrinha para entrar mais um dinheirinho. Era chão batido; quando todo mundo começava a dançar, a poeira cobria e minhas tias precisavam jogar água. Aí, o povo tinha de ir embora porque não ia ficar no molhado. Já eram seis e meia da manhã, mas ninguém queria sair, não. E ninguém via uma confusão, uma briga. Hoje, você não pode nem fazer um aniversário que, quando pensa que não, chega um mala-suja pra fazer presepada.”

Aos 18 anos, Reginaldo se mandou de Pedras. “Fui para Salvador, cheguei lá e disse: ‘Não dá, vou-me embora’. Vim para o interior de novo e comecei a trabalhar nas fazendas, mas não era fichado, não. Até o dia em que eu arrumei esta esposa aí e a coisa melhorou para mim. O casamento me endireitou porque, quando eu era sozinho, pegava um trocado e não ligava, não, queria era só curtir. Depois, tudo mudou. Logo, logo ela engravidou. Oxente! Televisão ninguém tinha. A televisão entretém, né? Não tendo televisão, vamos deitar logo, bora dormir enquanto

é cedo. Daí a pouquinho, apareceu o molequinho”, conta aos risos, ajeitando-se na cadeira.

A chegada do bebê trouxe alegrias e desafios. “Uma vez, a mulher olhou para mim e disse: ‘Não tem nada hoje pra tomar o café’. Eu disse: ‘Rapaz... Não tem nada, não’. Tinha um tanque em frente e eu fui atrás de uns peixinhos chamados cabugi, deste tamanho (mostra uma parte do dedo indicador), para cozinhar e comer. O vizinho da fazenda dava aquele pouquinho de leite para o menino. Fui trabalhando, chamando por Deus e derramando suor”, em fazendas, tomando conta de animais, construindo trilhos e dormentes para a ferrovia e, depois, em empresas de “plantar pau”, como ele chama os prestadores de serviços florestais.

As dificuldades que Regi superou, seus familiares vinham experimentando recentemente. “Só o tanto de filho que meu cunhado tem! Ele estava naquela de horror. Eu disse: ‘Vamos trabalhar agora’. Hoje, ele vê a mesinha dele, os filhos com a barriguinha cheia.” Hoje, 10 familiares de Regi integram a equipe de 41 associados que coleta ponteiras na região. “A gente vende a madeira e o dinheiro vem todo pra mão. Cada um recebe pelo que cata.”

“Agradeço a Deus por estar aqui contando esta história. Tem de agradecer também à empresa que bota o pão na mesa da gente. A Bracell foi uma mãe e um pai para mim, pois trouxe trabalho para mim e para toda a minha família.”



Agricultura familiar

A fim de prover assistência técnica gratuita a pequenos produtores rurais da região, a Bracell, por meio de parcerias técnicas, realiza diagnósticos, orientações e acompanhamento em questões relativas às atividades agrícolas e pecuárias.

Este projeto incentiva e orienta os produtores a adotarem técnicas agroecológicas de cultivo, evitando o uso de defensivos químicos em suas propriedades.

Em 2019, o projeto foi especialmente focado na implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) em duas Escolas Famílias Agrícolas da região, com o objetivo de trabalhar o consórcio de várias culturas junto ao eucalipto. A ideia é a de que o projeto contribua para o incremento da renda para pequenos agricultores, além de minimizar a demanda por madeira na região, principalmente para as serrarias.



131

famílias beneficiadas



41

comunidades envolvidas

11

municípios atendidos



Historia DE VIDA

Jurandir,
o professor que ensina amor à terra



Ajoelhado diretamente na terra, o professor dá mais uma lição aos alunos de pé ao seu redor: a da humildade. Humildade do mestre diante dos aprendizes e humildade do homem diante da mãe-terra. Atentos, os alunos aprendem com o experiente Jurandir Anunciação técnicas de cultivo pelo Sistema Agroflorestal, que consorcia, em uma área de 625 metros quadrados, o cultivo de dezenas de espécies de plantas na Escola Família Agrícola da Região de Alagoinhas. A curiosidade da turma tem explicação: para cada um dos jovens estudantes, todos moradores da zona rural, a técnica ensinada por Jurandir quebra paradigmas quanto à ocupação do solo na região. Ali, durante as aulas, eles estão literalmente plantando o futuro.

“A gente tem uma cultura de querer copiar coisas que não são nossas em que, em vez de aproveitar o que a natureza oferece ao nosso redor, ficamos copiando o fazendeiro vizinho que tem condições. Eu preciso pensar e me preocupar em fazer coisas concretas, mais reais, em como diversificar minha propriedade, produzir mais comida em pouco espaço. Tem condição para isso; um dos maiores tesouros que a gente tem é a terra. Ela oferece tudo. Só depende de cuidar dela. A natureza é muito generosa quando fazemos a coisa certa”, explica o professor.

Aprendendo com ele, estão estudantes como Taís Cotingiba de Oliveira, de Esplanada, que luta contra toda sorte de adversidade para estar ali. Sem apoio da família, que dizia para ela desistir do sonho de infância de ser veterinária, Taís encontrou no Curso Técnico em Agropecuária oferecido na escola um caminho para realizar o seu sonho, já que a grade curricular inclui disciplinas sobre suínos, bovinos e aves. “Mas, como eu já venho passando certas situações desde pequena, nunca baixei minha cabeça”, conta.

Aluna desde 2018, ela diz que, antes de frequentar a instituição, “não tinha a liberdade de conversar com todo mundo, nem gostava de conversar. Mas o nome da escola já diz tudo: Escola Família Agrícola da Região de Alagoinhas. Aqui é uma segunda família, e eu comecei a me desenvolver mais. Eu não digo que esta escola faz milagre, mas, ao mesmo tempo, digo que faz porque muita gente aqui mudou, mudou muito. Aqui muda o cidadão, tanto o profissional como o pessoal. É uma oportunidade única que muitos não têm lá fora e têm aqui”, acredita a jovem de 18 anos. “Aqui eu me sinto em casa. É isso o que eu quero para a minha vida. Lá na frente eu vou dizer: ‘Eu consegui’”, afirma.

Taís não, mas quase todos ali são filhos de pequenos agricultores que cultivam uma ou outra espécie, em terrenos que poderiam lhes dar retornos financeiros e de qualidade de vida muito maiores. O “clima” da turma, reunida no trecho demarcado para o projeto no terreno da escola, é de cultivo, de trabalho mesmo, mas não perde aquela atmosfera estudantil, de energia da adolescência e de ansiedade da juventude. Nesse caldeirão, claro, às vezes, é preciso chamar à atenção, atribuir tarefas que nem todos curtem fazer, mas que são essenciais no trabalho em equipe. E funciona bem.

Então: imagine a responsabilidade dos educadores com a bagagem que será carregada por Taís e as dezenas dos demais alunos da escola por toda a carreira, por toda a vida? Compartilhar informações sobre boas técnicas de cultivo e de aproveitamento do solo pode ser o que fará a diferença para aqueles futuros profissionais. E Jurandir, com o Sistema Agroflorestal, busca exatamente ensinar a agricultura sustentável. “Essa técnica não gera sobrecarga para o terreno; pelo contrário: ela enriquece o solo com a diversidade”, explica. “Ao invés de trabalhar com o sistema dito conven-

cional, de enriquecer o solo com adubo da indústria, colocando resíduo de petróleo, estamos trazendo mais vida para este solo com mais plantas. Tem a planta que vai inserir mais alimento neste solo, mais nitrogênio, potássio, fósforo e cálcio, e vai distribuir para as que têm mais deficiência. É assim: quanto mais vida colocarmos aqui, e essa vida é criada com a matéria que trazemos, vamos atrair minhocas, baratas, besouros e vários micro e macro-organismos que vão transformar esta matéria e devolver o alimento para a própria planta”, explica o professor.

Para vencer esta batalha, Jurandir escolheu as melhores armas: 47 diferentes tipos de plantas, entre nativas e exóticas, como aipim, pinha, jaca, manga, banana, feijão de porco, moringa, umburuna, flores e eucalipto. “Elas vão produzir em diferentes momentos, de modo que uma ajuda a outra. A gente trabalha com plantas criadoras, protetoras e nitrogenadoras. A natureza trabalha desta forma, não tem competição. Todas as plantas têm seu valor por igual. E tem ainda a questão do manejo, que é um trabalho bem delicado e complexo, mas sustentável”, acrescenta.

Quanto mais disseminadas, técnicas ainda pouco difundidas na região, como a do Sistema Agroflorestal, podem ajudar a promover, num futuro próximo, transformações sociais que vão melhorar a qualidade de vida de quem trabalha com a agricultura de subsistência. “Para ter produção ali, não precisa esperar só os produtos de longos ciclos, tem de ter plantas de ciclos mais curtos que geram renda para poder custear esta área”, exemplifica Jurandir.

Realizado com incentivo da Bracell, o projeto pode ser inspirador para os alunos. Além de levarem a técnica para as propriedades de suas famílias, eles podem se tornar multiplicadores desta

tecnologia entre vizinhos e outras comunidades. Uma necessidade urgente, segundo Jurandir, por conta do subaproveitamento das terras da região. “Fico doente de ver tanta terra sem produção. É muita gente para comer, pouca gente para produzir, tantas áreas devastadas ou subprodutivas. Dá para se produzir muito em uma pequena área, se trabalharmos da forma correta. Quando trabalhamos com a perspectiva de criar vida, trazer mais elementos, micro-organismos e animais, como pássaros e roedores, tudo melhora. A gente está tentando equilibrar o espaço para que ele se torne um livro para as pessoas tirarem dúvidas sobre o que fazer em suas propriedades. O meu sonho é ver muita gente fazendo isto, cuidando do solo, tendo uma alimentação melhor e deixando o espaço com outro olhar, outra vida para meus filhos e meus netos. Não adianta eu ter muita terra e não ter nenhum alimento.”

“O grande lance é criar vida no espaço. Se a gente entender a relação homem e natureza, de que precisamos de mais ‘vida’ para viver melhor, aí resolvemos um baita de um problema no mundo hoje, que é a falta de alimentos.”

Jurandir Anunciação

Professor da Escola Família Agrícola da Região de Alagoinhas



IMPACTO social NO TERRITÓRIO



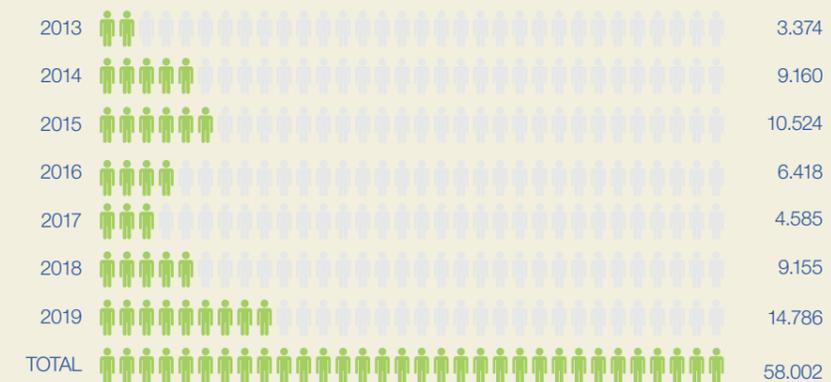
Bracell Estar Bem

• Mais de 58 mil pessoas já participaram de ações dos projetos de diálogo social desde 2013.

No pilar Bracell Estar Bem, que inclui os projetos Mais Cidadania, Cinema no Campo, encontros com comunidades e Mãos Dadas, houve elevação de 16% no número de pessoas atingidas, se compararmos com 2018.

Destaque para o projeto Mais Cidadania (Feira de Serviços e Educação Ambiental), que foi todo reformulado e atingiu 9.600 pessoas em 2019, quase o dobro comparado ao ano anterior (5.000).

• 95% do total de sessões (35) do Cinema no Campo foi em comunidades com as quais a empresa ainda não possuía relacionamento formal, atingindo, em 2019, cerca de 2.500 pessoas.



Estandes do projeto Mais Cidadania em Alagoinhas



BRACELL ESTAR BEM

A Bracell tem convicção de que uma atuação que equilibre seus interesses com os das comunidades vizinhas de suas propriedades deve primar pelo diálogo aberto e transparente entre as partes. Assim, mantém mecanismos de relacionamento que favorecem seu contato permanente com os moradores, disseminando informações sobre as atividades da empresa e viabilizando ações de estímulo à promoção da saúde, educação e cultura.

Todos os anos, a Bracell promove o diálogo com

milhares de pessoas por meio de palestras, treinamentos, visitas às suas instalações, sessões gratuitas de cinema na zona rural e encontros para atividades de educação ambiental e promoção da saúde. Essa postura de proximidade e valorização da comunidade fortalece as relações de respeito mútuo e confiança entre a empresa e suas partes interessadas.

Em 2018, os projetos que integram o Bracell Estar Bem alcançaram mais de 10 mil pessoas. Em 2019, o alcance foi de mais de 13 mil moradores.

Mais Cidadania

Realizado em parceria com as secretarias municipais, o projeto Mais Cidadania oferece diversos serviços gratuitos à população, como oficinas sobre saúde da mulher, aferição de pressão arterial, vacinação, atividades culturais, orientação nutricional, orientação jurídica e sobre o acesso a benefícios sociais, entre outros.

As crianças podem se divertir e aprender com oficinas e outras atividades lúdicas que promovem a cidadania e a conscientização para a preservação ambiental.

Nos eventos também são montados estandes para venda de artesanato, mel, frutas, legumes, verduras, biscoitos e doces produzidos pelos parceiros dos projetos de empreendedorismo rural.



Mais de **7.500** adultos participantes

Mais de **2.100** crianças participantes

10
municípios atendidos

225
comunidades alcançadas



Cinema no Campo

Lançado em 2014, o projeto Cinema no Campo proporciona aos moradores de comunidades rurais o acesso a sessões gratuitas de exibição de filmes de qualidade, com temáticas relacionadas à realidade desses locais.

Sempre com a presença de um psicólogo, que atua junto aos monitores responsáveis pela execução das sessões, os encontros reúnem dezenas de pessoas em praças e outros locais públicos, levando, além de entretenimento, a oportunidade de discutir temas de extrema relevância para as comunidades.

O projeto representa um momento de integração de amigos e famílias inteiras, reunindo crianças, jovens, adultos e idosos a fim de compartilhar uma experiência única para muitos: assistir juntos a uma sessão de cinema.



2.486
pessoas beneficiadas

35
sessões realizadas

34
comunidades envolvidas



Encontros com comunidades

A equipe de Relações Institucionais e Responsabilidade Social realiza, continuamente, reuniões de diálogo com lideranças e moradores da região. Esses encontros são oportunidades para o esclarecimento de dúvidas, identificação de demandas e oportunidades, acolhimento de reclamações e sugestões para que a empresa possa aprimorar seus processos e reforçar seu relacionamento com as comunidades vizinhas.

125

reuniões com lideranças diversas

996

representantes do poder público e de outras entidades representativas

2.663

participantes nos encontros com comunidades



Mouana Fonseca,
gerente de Relações Institucionais
e Responsabilidade Social da Bracell



Seminário Conhecendo o Eucalipto, realizado em Alagoinhas, no dia 19 de julho



IV Congresso Brasileiro do Eucalipto, realizado em Salvador, nos dias 7 e 8 de agosto



Reunião da equipe de Relações com Comunidades com moradores da região



Mãos Dadas

Criado em 2017, o programa de voluntariado Mãos Dadas busca engajar colaboradores e familiares para aplicarem suas habilidades, conhecimentos e tempo a serviço de uma boa causa social. Em 2019, 1.109 colaboradores participaram das iniciativas, que beneficiaram 967 pessoas e 25 instituições na Bahia, em 25 comunidades.

O Desafio Voluntário é realizado anualmente pelos integrantes do Mãos Dadas com a participação de todos os colaboradores Bracell, com o objetivo de promover ações criativas para arrecadação de fundos que, posteriormente, são direcionados para melhorias ou apoios a instituições selecionadas. Em 2019, foram beneficiadas com reformas a Associação Paulo Tonucci, localizada em Camaçari e que atende 105 crianças, e a Associação Mais Ação (AMA), em Entre Rios, que atende 770 pessoas.

967

pessoas beneficiadas

25

comunidades atendidas

25

ações realizadas

25

instituições beneficiadas

1.109

voluntários engajados



Equipe de voluntários da Bracell Florestal



Sede da associação de moradores de Sítio do Meio, no município de Entre Rios, antes da reforma



Sede da associação de moradores de Sítio do Meio, no município de Entre Rios, após a reforma

Troca de Saberes

A ação estimula os colaboradores da empresa a compartilharem vivências pessoais e profissionais, ou alguma habilidade de interesse geral, com seus colegas de trabalho. Em encontros que ocorrem durante o horário de trabalho, eles apresentam voluntariamente temas que são de seu domínio.

7

palestras ministradas em 2019

462

participantes envolvidos

PROJETO TROCA DE SABERES

Cuidando de quem cuida:
Um olhar para a mãe

Bate-papo com Natália Soares
Jovem Aprendiz da Bracell e graduanda em psicologia

Fazenda Quatis 09/05 (quinta) das 10h às 10:25	Local: auditório
Fazenda Salgado 10/05 (sexta) das 10h às 10:25	Local: Auditório do Viveiro
Escritório Central Alagoínas 10/05 (sexta) das 16:30 às 17:20	Local: Centro de vivência

Bracell

PROJETO TROCA DE SABERES

PALESTRA
LEI ANTI-CORRUPÇÃO,
COMPLIANCE, AUDITORIA,
RISCOS E CONTROLES

PALESTRANTE
CARLOS APOENA, AUDITOR INTERNO

DATA: 05/10 HORÁRIO: 16H ÀS 17H

LOCAL: CENTRO DE VIVÊNCIA

PROJETO TROCA DE SABERES

Palestra com: Marcos Martins
Enfermeiro do Trabalho Bracell

Tema: Câncer de mama
Prevenção e controle

Escritório Central 22/10, às 16h, Auditório do Centro de Vivência.
Setec 29/10, às 7h.
Viveiro Salgado 29/10, às 16h.
Fazenda Quatis 30/10, às 16h.

Bracell



Historia DE VIDA

Maria José,
a presidente da Associação de Produtores da Prata

Mãos Dadas é o nome dele, o programa de voluntariado da Bracell. Maria José de Jesus Nascimento é o nome dela, a presidente da Associação de Produtores do Povoado de Prata e Região, em Entre Rios. Esse programa não tinha nada a ver com Maria, que conhecem lá por “Neni”, até que a equipe de Responsabilidade Social da Bracell apareceu na comunidade da Prata, em Entre Rios, para conhecer o projeto de recuperação de uma nascente que Maria planejava executar no local. Conversa vai, conversa vem, ela recebeu a sugestão de criar uma associação. A ideia era facilitar o acesso dos moradores a programas e projetos da empresa que, geralmente, são destinados a associações.

Bióloga, separada, mãe de um estudante de Física, Maria liderou a criação da entidade e foi eleita presidente da associação. O desafio inicial era enorme. Convencer pessoas a apostarem em algo novo, sem dinheiro, sem sede, sem estrutura, mas com um sonho gigante: melhorar a vida dos moradores não só de Prata, mas do Caboclo, Timbó, Nego do Mato, Frade e Jenipapo. Audácia demais, né? Mas ela acreditou. Ela começou. E, junto com os demais diretores, fez bingos para custear os registros, criou estatuto e oficializou a associação.

Com seu engajamento, ela despertou potenciais, alimentou sonhos e impulsionou pessoas a lutarem por seus objetivos. Foi quando o grupo percebeu que, se tivesse um espaço próprio, poderia fazer ainda mais. A única edificação disponível era a antiga Escola Municipal Oswaldo Cruz que, pequena e em ruínas, vinha sendo utilizada como estábulo. “Ela estava toda acabada. Colocavam cavalo e burro aqui, espalhavam capim, tinha um monte de fezes de animal. As portas estavam arrancadas, sem janelas, sem vaso, pia e tanque. Acabaram com tudo, só tinha telhado”, relembra Maria. “A gente tem de fazer alguma coisa.”

O local havia sido a escola de Maria até o quarto ano. “Marlene Braga era professora, zeladora, merendeira e organizava os alunos em grupos para cada um fazer uma coisa, porque não tinha água encanada e a gente tinha de buscar no rio para fazer merenda. Aí uns ajudavam na limpeza, outros na cozinha. E assim a professora dava aula, com classe multisseriada”, conta. Por seu vínculo com o local, ver a antiga escola “se acabando aos poucos era muito triste”. Tomaram então a bem-sucedida decisão de pleitear o espaço à Prefeitura de Entre Rios. Com a concessão, veio o plano de reformá-la para sediar reuniões, cursos, encontros, palestras e eventos.

E a parceria com a Bracell se manteve a ponto de que, em 2018, os integrantes do programa de voluntariado Mãos Dadas, criado dentro da empresa, lançaram uma campanha pela reforma do espaço. Por dias, os voluntários venderam internamente lanches doados pelos colegas, e o dinheiro foi destinado para as obras. Chamada de Desafio Voluntário, a campanha só aconteceu porque os voluntários perceberam, por meio da equipe de Responsabilidade Social, o esforço dos moradores de Prata em favor da reforma da sede.

A reforma foi um trabalho árduo que começou com uma série de dinâmicas com um psicólogo para membros da associação. Em seguida, houve uma oficina de sacolas artesanais com uma ONG contratada pela Bracell. Depois, numa igreja da comunidade, durante três meses e também com suporte da empresa, aconteceram oficinas para reforma de objetos a fim de serem usados na decoração da sede. A pior parte foi o telhado. “Tiramos estas telhas todas, lavamos estas telhas todas, depois colocamos estas telhas todas novamente. Tirar as telhas foi fácil. Num mutirão de domingo, botamos uns paus aí e tiramos. Mas, na hora de lavar, fizemos mutirão com feijoada, mas foi aquele catadinho, um trabalho lento e difícil porque a maioria não se envolveu. Então, tivemos de pagar dois trabalhadores”, conta Maria, olhando para as telhas renovadas. Quem as vê hoje não diz que foram lavadas uma a uma para livrá-las da sujeira acumulada por

anos e anos.

Com telhado refeito, portas e janelas instaladas como contrapartidas da comunidade, e as instalações elétricas cedidas pela prefeitura, os voluntários retornaram à comunidade para o Dia D: a pintura e decoração da sede. “Foi um momento divertido, que me levou à infância. A maioria das casas era de taipa. Quando alguém ia construir, todo mundo se envolvia porque as pessoas faziam questão de estar junto, construindo a casa de cada um. A casa era feita em um dia só. Era muito bom! Era uma cantoria linda o dia todo e terminava com uma pisada. O chão era de barro também e elas pisavam a casa toda, cantando samba de roda. Foi essa a relação que eu fiz no momento da empresa nesse projeto de voluntariado. Fizemos almoço coletivo, aquela interação toda, foi muito bom”, diz a presidente da associação.

Hoje, com 68 sócios (nem todos ativos), a associação se tornou “o centro” do povoado da Prata, onde vivem aproximadamente 120 famílias. De minibiblioteca, cursos, atividades culturais, esportivas e de lazer a aulas de capoeira, palestras e debates sobre doenças sexualmente transmissíveis, abuso sexual, drogas, bullying, a associação abriga diversas atividades de interesse da comunidade. Os próprios moradores ajudam a decidir o que será realizado no local. E é sobre este envolvimento que Maria guarda uma lembrança especial. “Quando começamos a pensar as atividades, numa sessão de leitura, pedi às crianças para desenharem o que elas gostariam que tivesse na associação. Todas pediram um

parquinho, mas um desenho chamou a atenção: em volta da associação e do parquinho, um menino desenhava bolinhas vermelhas: eram doces. Mas ela não queria merendar os

doces, ela queria que tivesse uma fábrica de doces aqui para o pai trabalhar. É que ele mora em Ilhéus e fica revezando com os colegas para poder vir ver a família”, conta.

O universo começou a conspirar em favor da menina: o parquinho foi construído pela Bracell ao lado da associação e, entre os projetos de empreendedorismo, os moradores já foram convidados pela empresa a participar de duas edições do curso de doces e compotas, realizado em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Maria ainda não conseguiu convencer a família da garota a participar do curso, mas vários

doces já estão sendo feitos pelos associados numa cozinha emprestada, perto da sede, e a produção é vendida na região e também em feiras e eventos promovidos pela Bracell.

O trabalho na associação continua e, para a presidente, ainda há muito a fazer. Nenhuma conquista veio fácil. Cada iniciativa exige uma forte ação de engajamento e, às vezes, parece faltarem forças. “Tem dia que bate uma energia negativa. Daí a gente chega na janela e imagina ver as carretas escrito ‘Delícias da Prata’ passando na BR. Aí a gente cai na risada e a energia se restabelece”, conta Maria aos risos.

“As coisas começaram a acontecer a partir da parceria com a Bracell. A empresa tem sido uma referência, um incentivo, e a associação tem ajudado a fortalecer a comunidade. Por isso eu digo que a Bracell está fazendo a diferença na comunidade.”

Maria José de Jesus Nascimento
 Presidente da Associação de Produtores do Povoado de Prata e Região





Historia DE VIDA

Wellington,
o brigadista de incêndio que ajudou a salvar as praias

Quando o juiz apitou o fim do jogo, no dia 13 de julho de 2014, Wellington mal acreditava naquele placar: 7 a 1 para a seleção da Alemanha sobre o Brasil. Era a final da Copa do Mundo no Brasil e os finalistas disputaram o título mundial no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Assistindo à partida pela TV, na casa dele, já de volta a Salvador, Wellington não ficou feliz com o resultado, mas teve a sensação de dever cumprido. Afinal, tinha sido o comandante responsável pela segurança da seleção alemã durante sua estada em Porto Seguro, no sul da Bahia. Da convivência, ainda que curta, ficaram boas lembranças da gentileza dos jogadores estrangeiros, que inclusive “compartilharam a internet 4G” com os seguranças, e de suas ações sociais, como a doação de uma ambulância para atendimento à comunidade indígena local.

A segurança dos jogadores que se sagrariam, mais uma vez, campeões mundiais de futebol foi uma das últimas tarefas do então sargento Wellington de Souza Santos na carreira militar, iniciada em 2007. Antes disso, ainda no Exército, graças à sua dedicação e aos mais de 20 cursos que fez, como o de Segurança e Proteção de Autoridades, liderou a equipe de segurança dos então presidentes da República Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Tratadas com afínco, as missões atribuídas ao jovem eram motivo de grande orgulho para o pai, o borracheiro Sr. Manoel, e certamente seriam também para a mãe, a empregada doméstica dona Maria, falecida em decorrência de um câncer quando ele tinha apenas 7 anos. Mesmo com a ausência dela, Wellington guarda na memória a infância feliz que teve no bairro São Caetano. “Eu me recordo das amizades e daquelas coisas de criança mesmo, de brincar na rua”, conta.

Ex-aluno de escolas públicas municipais e estaduais, Wellington recebeu do pai valores éticos e morais que o prepararam para a vida e que, hoje, ele procura passar para os filhos Beatriz, de 12 anos, e João Vitor, de 8, que teve com a esposa Elizabete, colaboradora de uma empresa terceirizada da Bracell, em Alagoinhas. Foi ao lado deles aliás que, já como supervisor de Segurança Patrimonial e chefe de brigada de incêndios florestais da própria Bracell, tomou conhecimento das notícias sobre as manchas de óleo que apareceram nas praias do Nordeste e Sudeste do país. Segundo as autoridades, a tragédia, em setembro de 2019, afetou 1.009 localidades de 11 estados, de onde foram recolhidas cerca de 5,3 mil toneladas de resíduos. De origem ainda desconhecida, as manchas provocaram enormes danos ambientais e prejuízos financeiros a milhares de pessoas que vivem da pesca e do turismo nessas regiões.

Agraciado por ter nascido em um cenário de cartão-postal, em Salvador, na Bahia, Wellington descobriu ainda pequeno o prazer de curtir uma praia com a família. “Aliás, uma das poucas lembranças que tenho de minha mãe era da gente indo pra praia, ela levando aquele frango assado, farofa e todo mundo se divertindo, dando risadas e brincando. Ficou marcado”, lembra-se. Gratuita, a praia era uma das principais atividades de lazer que eles tinham. E eles amavam a do Farol da Barra e a de Itapuã. Ainda hoje, esses locais despertam no rapaz boas recordações, mas suas praias favoritas mudaram: atualmente, são aquelas da Linha Verde, como Imbassaí e Praia do Forte, algumas das afetadas pelas manchas de poluição.



“Fiquei muito triste com a notícia. E logo o pessoal da Bracell, inclusive da Segurança Patrimonial, começou a se articular para dar um apoio na limpeza. De início, seriam apenas 10 voluntários, todos em horário de folga. Mas, ao fim, todos os 85 brigadistas se apresentaram e 42 foram destacados. Todo mundo trouxe para si essa preocupação, esse olhar de dono com a causa”, diz. “O pessoal ia com aquele espírito de cumprir a missão de tirar aquele material da praia e uma missão que, a princípio, seria de 15 dias, mas acabou durando 33”, conta. Ao longo de mais de um mês, revezando-se nas folgas, os voluntários da brigada ajudaram a retirar das areias 14 toneladas de resíduos num trecho de cerca de 6 km da costa, num trabalho que parecia não ter fim. “Era como enxugar gelo: a gente limpava, quando retornava depois do almoço, estava tudo lá de novo”, recorda Wellington. “E ainda tinha a dificuldade que era ficar ao sol o dia todo, na margem da areia, mesmo com a gente usando camisas UV, protetor solar, calça e chapéu. Mas a gente conseguiu superar.”

E o principal combustível para recomeçar no dia seguinte era o apoio dos filhos. “Toda vez que eu chegava em casa, ficava feliz porque meus filhos perguntavam: ‘Pai, e aí?’ E eu mostrava as fotos da nossa equipe e do trabalho.” E, durante o dia, as energias eram também renovadas pelo reconhecimento do trabalho pelas equipes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) e do Corpo de Bombeiros da Bahia. “O capitão dos bombeiros disse que esperava coisa diferente porque já tinha trabalhado com outros voluntários, mas que nossa equipe tinha muito empenho com a tarefa, disciplina e respeito à

hierarquia. Nós estávamos lá como voluntários, mas também como profissionais”, ressalta o brigadista.

O reconhecimento veio também do público. “Um dia, quando a gente terminou, voltando a pé pela praia, o pessoal que estava numa barraca se levantou das cadeiras e começou a aplaudir, chamando a gente de verdadeiros heróis. Aquele dia ali... Só de falar, estou arrepiando aqui. Foi muito marcante! Já desempenhei muitas missões no Exército, mas uma missão nobre como a limpeza da praia eu nunca tinha feito”, ressalta.

Outro apoio importante veio da Gerência de Segurança Patrimonial da Bracell. “Todo dia, nosso gerente Douglas Pithon ligava, preocupado, para saber se a gente tinha almoçado, se tinha água. O coordenador Valdeinei Ressurreição também ligava, ia lá. Já trabalhei em muitas empresas, mas a Bracell é diferenciada no trato com seus colaboradores. Fico muito feliz por fazer parte deste time, com a estrutura que a empresa disponibiliza para nossa equipe cumprir cada missão. Todo dia, eu agradeço muito a Deus por esta oportunidade.”

Depois que tudo passou, Wellington fez questão de levar a família à Praia de Imbassaí, no município de Mata de São João, para ver o local que ele e seus colegas tinham ajudado a recuperar. “Foi um trabalho nobre, de ajuda à natureza. Nada mais justo, porque nós dependemos dela. O cuidado com o meio ambiente está entranhado no nosso sangue pela filosofia da Bracell de preservação da natureza e porque, naquele momento, a sociedade e a natureza precisavam de nós”, ressalta.

E precisavam mesmo. Hoje, abertas novamente ao público, as belas praias voltaram a receber milhares de moradores e turistas e, graças à abundância da natureza, a garantir o sustento de pescadores e pessoas que vivem do turismo na região.

Parte dos brigadistas voluntários que atuaram na coleta de óleo em praias do litoral norte da Bahia



Área de atuação

da Bracell na Bahia

Bracell

www.bracell.com

 /SomosBracell

 /company/bracell

 /SomosBracell

 /Bracell